



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

Eclesiologias digitais em construção: os modos de ser Igreja em tempos digitais e pandêmicos

Digital ecclesiologies under construction: ways of being Church in digital and pandemic times

Eclesiologías digitales en construcción: formas de ser Iglesia en tiempos digitales y de pandemia

Aline Amaro da Silva¹

orcid.org/0000-0001-6467-7262
silva.alineamaroda@gmail.com

Recebido em: 26/08/2021.

Aprovado em: 03/10/2021.

Publicado em: 30/12/2021.

Resumo: A pandemia do coronavírus trouxe uma grande transformação em todas as áreas da vida humana, especialmente na forma como as pessoas cultivam suas relações sociais. A prática da fé também foi diretamente afetada, com restrições de pessoas nas igrejas, o que ocasionou uma corrida para o único espaço em que elas poderiam continuar convivendo e compartilhando a sua fé sem risco de contaminação: o ambiente digital. Essa aceleração do processo de digitalização da sociedade traz consequências significativas na própria essência, atuação e autocompreensão da Igreja Católica. Em vista disso, esta pesquisa exploratória e bibliográfica apresenta os principais modelos eclesiais encontrados atualmente na sociedade plural e globalizada que vão dos tradicionais aos digitais. Tem como embasamento teórico para as discussões eclesiológicas as obras de Avery Dulles (1978) e João Batista Libânio (1999). Sobre as eclesiologias emergentes da era digital, aponta as ideias de Antonio Spadaro (2012), Landon Whitsitt (2011) e Dwight Friesen (2009), além da eclesiologia do Papa Francisco (2020). Este artigo foi adaptado e ampliado do ensaio "The Diverse Ways of Being Church in the Digital Society and in Times of Pandemic", originalmente escrito na língua inglesa e publicado pela autora no *e-book* "Digital Ecclesiology: a Global Conversation", organizado pela Heidi A. Campbell em agosto de 2020. Sem pretensão de esgotar o tema, esta pesquisa discute as mudanças eclesiais em meio à pandemia que influenciam o presente e futuro da Igreja Católica, a fim de iniciar a construção de eclesiologias digitais coerentes com a fé cristã.

Palavras-chave: Eclesiologia. Teologia Digital. Pandemia. Igreja Católica. Cultura Digital.

Abstract: The coronavirus pandemic has brought about a major transformation in all areas of human life, especially in the way people cultivate their social relationships. The practice of faith was also directly affected, with restrictions on people in the churches, which led to a race to the only space where they could continue to live and share their faith without risk of contamination: the digital environment. This acceleration of the digitalisation process of society has significant consequences in the very essence, performance and self-understanding of the Catholic Church. In view of this, this exploratory and bibliographic research presents the main ecclesial models currently found in the plural and globalized society, ranging from traditional to digital. Its theoretical basis for ecclesiological discussions is the works of Avery Dulles (1978) and João Batista Libânio (1999). About the ecclesiologies emerging from the digital age, it points out the ideas of Antonio Spadaro (2012), Landon Whitsitt (2011) and Dwight Friesen (2009), in addition to the ecclesiology of Pope Francis (2020). This article was adapted and extended from the essay "The Diverse Ways of Being Church in the Digital



Society and in Times of Pandemic”, originally written in the English language and published by the author in the e-book “Digital Ecclesiology: a Global Conversation”, edited by Heidi A. Campbell in August 2020. Without intending to exhaust the topic, this research discusses the ecclesial changes in the midst of the pandemic that influence the present and future of the Catholic Church, in order to begin the construction of digital ecclesiologies consistent with the Christian faith.

Keywords: Ecclesiology. Digital Theology. Pandemic. Catholic church. Digital Culture.

Resumen: La pandemia de coronavirus ha provocado una gran transformación en todas las áreas de la vida humana, especialmente en la forma en que las personas cultivan sus relaciones sociales. La práctica de la fe también se vio directamente afectada, con restricciones a las personas en las iglesias, lo que llevó a una carrera por el único espacio donde podrían seguir viviendo juntos y compartiendo su fe sin riesgo de contaminación: el entorno digital. Esta aceleración del proceso de digitalización de la sociedad tiene consecuencias significativas para la esencia misma, el desempeño y la autocomprensión de la Iglesia Católica. Por ello, esta investigación exploratoria y bibliográfica presenta los principales modelos eclesiales que se encuentran actualmente en la sociedad plural y globalizada, desde lo tradicional a lo digital. Su base teórica para las discusiones eclesiológicas se basa en los trabajos de Avery Dulles (1978) y João Batista Libânio (1999). Sobre la eclesiología emergente de la era digital, señala las ideas de Antonio Spadaro (2012), Landon Whitsitt (2011) y Dwight Friesen (2009), además de la eclesiología del Papa Francisco (2020). Este artículo fue adaptado y ampliado del ensayo “Las diversas formas de ser Iglesia en la sociedad digital y en tiempos de pandemia”, escrito originalmente en inglés y publicado por el autor en el libro electrónico “Eclesiología digital: una conversación global”, organizado por Heidi A. Campbell en agosto de 2020. Sin pretender agotar el tema, esta investigación discute los cambios eclesiales en medio de la pandemia que influyen en el presente y futuro de la Iglesia Católica, con el fin de iniciar la construcción de una eclesiología digital consistente con la fe cristiana.

Palabras clave: Eclesiología. Teología digital. Pandemia. Iglesia Católica. Cultura digital.

Introdução

No ano de 2020, os cristãos viveram uma Páscoa sem precedentes na história, marcada pelo combate à pandemia do coronavírus através do distanciamento controlado e a consequente medida de celebrações sem a presença física dos fiéis, com exceção do celebrante e de uma equipe reduzida para auxiliar na liturgia e transmissão, adaptando os tradicionais ritos ao ambiente e linguagem digitais. De fato, um tempo de passagem que demonstrou a importância não só da Igreja Católica se adaptar, mas de toda a

sociedade e religiões se prepararem para estes dias em que os processos de digitalização e o estado de medidas de prevenção contra a COVID-19 trazem mudanças obrigatórias nos hábitos pessoais, sociais e eclesiais.

Pela acelerada e emergencial digitalização dos serviços nesta quarentena, a “Sociedade em Rede” não é mais apenas uma teoria sociológica de Manuel Castells (2008), mas uma realidade compartilhada em todo o planeta. A comunicação digital que era complementar, passa a ser essencial e, por vezes, a única forma de comunicação entre as pessoas no meio da pandemia. Isso traz outras questões a serem discutidas pelas religiões e sociedade como a necessidade de inclusão digital, capacitação de idosos para o uso dos dispositivos eletrônicos, disponibilização de acesso gratuito à internet e de dispositivos digitais para famílias carentes. O digital deve ser encarado seriamente como bem comum da sociedade, fator fundamental para não aumentar o abismo de oportunidades econômicas, educacionais e sociais entre ricos e pobres, jovens e idosos.

Do ponto de vista católico, o cenário eclesiológico também foi transformado por esse fenômeno. Antes da pandemia, a participação da missa pelas mídias já existia, mas não era estimulada, apenas em casos de impossibilidade. No período de *lockdown* em que a maior parte do Povo de Deus não pôde ir ao templo rezar, a participação na celebração eucarística midiaticizada tornou-se o padrão da Igreja e amplamente recomendada, como expressa o Decreto em tempos de COVID-19 (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, [2020]): “Os fiéis devem ser informados sobre a hora do início das celebrações, para poder unir-se à oração em casa. Poderão servir de ajuda os meios de comunicação telemática ao vivo, não gravada”.

Para manter a comunidade de fé viva durante o fechamento dos lugares de culto, encontros no ambiente digital passaram a ser incentivados. Embora tenha sido uma orientação emergencial de acordo com as realidades (arqui)diocesanas daquele momento inicial de pandemia e as

igrejas tenham voltado a receber pessoas com todo o cuidado necessário para evitar o contágio, essa mudança no modelo comunicativo eclesial traz consequências para o presente e futuro da Igreja. O uso eclesial dos meios digitais não é apenas uma oportunidade e necessidade de comunicação, mas muda a própria identidade da Igreja (CAMPBELL, 2020). Isso ocorre porque a essência e missão da Igreja é comunicar. Ela nasce da autocomunicação de Deus, cujo ápice é o Evento histórico da vida de Jesus Cristo, e tem a responsabilidade de ser meio de comunicação permanente entre Deus e o ser humano, dando continuidade a missão evangelizadora de Jesus.

Os tempos da sociedade em rede e em pandemia tornaram evidentes os resultados de estudos teológicos sobre os efeitos da cultura digital na fé, como a teologia digital² e a ciberteologia.³ De forma única, o Verbo Divino encarnou no mundo assumindo uma face e condição humana. Se a rede não é constituída apenas por cabos conectados, mas principalmente por pessoas em relação, Deus habita a ambiência digital através de cada pessoa que está presente na rede, vivendo e testemunhando sua comunhão com Deus. Só é possível viver uma intimidade com Deus semelhante a confessada por Paulo – “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20) – pela comunhão do Espírito: “Na comunhão do Espírito Santo com todos nós, portanto, experimentamos a proximidade da vida divina, bem como nossa própria vida mortal como vida eterna” (MOLTMANN, 2002, p. 96).

Assim, a vivência humana da graça divina abre a possibilidade da rede mundial de pessoas, por meio do dom de cada crente, se tornar uma rede eucarística, isto é, uma comunhão humano-divina para além do rito litúrgico na qual “a Trindade divina possui uma abertura tamanha que toda a criação encontra lugar nela” (MOLTMANN, 2002, p. 97). Eucaristia é comunicação da mais perfeita comunhão entre Deus e os seres humanos, caminho

que conduz à comunhão definitiva escatológica. Tal comunicação é mais do que expressão de ideias, é doação de si mesmo aos demais como fez Jesus. “[...] pela instituição da Eucaristia, Ele legou-nos a mais perfeita comunhão a que o homem na terra pode aspirar: a comunhão entre Deus e os homens, que traz consigo o mais alto grau de união dos homens entre si” (CP, n. 11). Pensar na possível transformação da conexão digital em rede eucarística tem a ver com o sentido de eucaristia que extrapola o sacramento recebido pelos fiéis e encarna sua catolicidade, isto é, seu convite e abertura à humanidade inteira. Como recorda Paul Lakeland (2014, p. 153): “[...] a Eucaristia, como a Igreja, orienta-se para além de si mesma em direção à missão do povo santo de Deus no mundo”. Dessa forma, a comunhão entre pessoas na era digital, a ação divina no ser humano e no mundo caracterizado pela lógica e dinâmica da rede, foi definida como cibergraça (SILVA, 2015, p. 75).

As novas abordagens entre fé e cultura digital não são mais, se é que foram um dia, uma tendência da moda acadêmica, mas um campo imprescindível para a reflexão teológica neste momento sombrio da história humana. Em vista disso, o ensaio identifica alguns modelos que nascem da experiência social marcada pela cultura digital que foram intensificados durante a pandemia do coronavírus. O novo não é desenraizado de história, essas novas metáforas são baseadas em modelos eclesiológicos tradicionais da teologia católica. Por isso, vamos revisitá-los através da contribuição de Avery Dulles (1978), em sua obra *A Igreja e seus modelos*. Para refletir sobre a conjuntura eclesial atual, pontuamos também algumas ideias sobre a Igreja Católica sonhada e em passos de construção por papa Francisco.

1 Os modos tradicionais de ser Igreja

É difícil elaborar uma definição objetiva sobre o que a teologia católica entende pelo termo Igreja,

² A teologia digital surgiu na teologia protestante de forma oficial em 2014, quando foi inaugurado o CODEC Research Centre for Digital Theology, na Universidade de Durham, Inglaterra (Cf. PHILIPS, 2019, p. 30).

³ A ciberteologia foi criada pelo padre jesuíta Antonio Spadaro, em 2012, com a proposta de pensar o cristianismo nos tempos da rede e foi amplamente divulgado no Brasil em encontros acadêmicos e pastorais da Igreja Católica, formando grupos de estudo sobre o tema entre teólogos e comunicadores. (Cf. SPADARO, 2012).

porque esta é uma realidade humana e divina que transcende a razão humana. No entanto, do passado e do presente da tradição eclesiológica podemos extrair alguns elementos para fazer um exame de sua situação em determinado momento. Essa reflexão pode ser feita através de uma análise de conjuntura, modelo ou cenário eclesial (LIBÂNIO, 1999, p. 11-12). A análise de conjuntura serve para identificar como se encontra a estrutura e as forças que movem a realidade atual da Igreja. Os modelos eclesiológicos são analogias que destacam pontos centrais do ser e agir eclesial em certo período. Já os cenários são formas de análise que servem especialmente para realizar prospecções sobre como os fatos atuais moldarão o futuro. Segundo João Batista Libânio (1999, p. 13), a Igreja como instituição age em um dado cenário em duas direções: *ad intra* – trabalha as suas relações internas – e *ad extra* – constrói pontes com as instâncias políticas, econômicas, culturais e religiosas da sociedade da qual faz parte. Dependendo do contexto, um desses movimentos se sobrepõe ao outro. Neste artigo, trabalhamos com a técnica de modelos para avaliar o momento presente a fim de buscar a construção de cenários positivos para a Igreja em pandemia e luzes para o pós-pandemia.

Para isso, vamos revisitar os modelos tradicionais da Igreja Católica. Estes paradigmas não abrangem toda a realidade da Igreja, são imagens metafóricas que destacam alguns de seus aspectos. Em momentos históricos como agora, vários modelos de Igreja podem coexistir.

Avery Dulles (1978) expõe cinco modelos eclesiais básicos dos quais derivam muitos outros: institucional, de comunhão, sacramental, arauto e serva. Nos quatro primeiros modelos, a Igreja se coloca em uma posição superior ao mundo, apresentando-se como sujeito ativo, enquanto o mundo é seu objeto passivo de ação. No último, porém, a relação se modifica. Como serva, a Igreja se coloca em igualdade e relação dialógica com o mundo.

O modelo institucional representa a Igreja hierárquica com sua função magistral de ensinar a fé e conduzir o povo de Deus com a autoridade de Cristo. O modelo de comunhão evidencia o

aspecto da Igreja como corpo místico de Cristo. A Igreja sacramental, por outro lado, é um sinal visível da graça para a humanidade que é convidada a participar dos sacramentos que lhe dão acesso a Deus. Em modo arauto, a Igreja assume o papel de transmitir a boa notícia do Evangelho a todas mulheres e homens que são apenas destinatários da mensagem. Dulles (1978, p. 98) também mostra a Igreja como mediadora entre Deus e os seres humanos, um canal comunicativo recíproco da graça divina e da resposta humana.

As atitudes eclesiais para com a sociedade moderna foram renovadas desde o Concílio Vaticano II, com a publicação da *Gaudium et Spes* (1965). Nele, a Igreja se posiciona como servidora da humanidade, legitimando a autonomia da cultura e da ciência, buscando o diálogo e a atualização doutrinal e institucional. Dulles (1978, p. 101) denomina esse método eclesiológico de secular-dialógico: secular, pois a Igreja assume o mundo como lugar teológico; e dialógico, porque busca o diálogo entre o mundo contemporâneo e o cristianismo.

Observamos que a eclesiologia conciliar nos deu base para desenvolver o método ciberteológico (SILVA, 2015, p. 46), cujo objetivo é dialogar com o ser humano e o mundo contemporâneo, percebendo o que a teologia pode aprender com os sinais dos tempos e o que a fé cristã tem para contribuir para o bem viver da humanidade na era digital.

A forma como a Igreja se comunica muda o que ela é. Isso é notável nos primeiros tempos do cristianismo, com a mudança da comunicação principalmente oral para a escrita. Agora, com o contágio global do coronavírus, ocorre a transição do modelo de comunicação face a face para a comunicação digital e a sociedade está avaliando o que tal mudança trará de consequências para o pós-pandemia. Como Darlei Zanon explica:

Uma sociedade que apresenta um novo paradigma, uma nova economia, uma nova cultura, uma nova identidade e uma nova organização, exige também um novo modelo de Igreja. Uma Igreja que saiba transmitir as verdades antigas (o Evangelho) com uma linguagem nova, com a nova

"gramática digital", a fim de ser compreendida e aceita por todos (ZANON, 2019, p. 72).

Isso significa que em cada período da história prevaleceu um tipo de visão eclesial que se relaciona com a comunicação característica da sociedade, agora que o padrão é o da comunicação em rede, emerge dessa experiência diversas eclesiologias digitais. Existem outros modelos eclesiais presentes no cenário contemporâneo como o carismático ou libertador, por exemplo, também importantes, mas o presente artigo focaliza as novas analogias de Igreja que surgem deste cenário pandêmico e digital, fazendo um diálogo entre fé, contexto e cultura.

2 As novas metáforas eclesiais

O surgimento de uma nova cultura traz novas imagens simbólicas para a Igreja. Já em 1999, nos quatro panoramas eclesiais descritos por Libânio em sua obra *Cenários da Igreja* – Igreja institucional, carismática, da pregação e da práxis libertadora – aparecia o desafio da presença cristã nas mídias e os dilemas éticos que o acompanham. Isso trouxe à Igreja diversos riscos de perder-se ou se distanciar do caminho, como a adesão a estratégias de *marketing* dúbias e o gasto volumoso de capital para manter-se no ar: "A mídia se converterá em espaço privilegiado de sua presença, não sem certa ambiguidade" (LIBÂNIO, 1999, p. 43). Ele previu o alto investimento midiático que especialmente o cenário carismático da Igreja Católica faria, utilizando-se do poder de sugestão que a publicidade tem para suscitar climas de espiritualidade. Como se observa hoje, boa parte das emissoras de TV e rádio católicas são ou tem alguma programação carismática. Libânio também prognosticou a expansão do fenômeno dos padres cantores, pregadores *pop stars* e mercado de bens religiosos (LIBÂNIO, 1999, p. 63).

No cenário da Igreja da Pregação, João Libânio traz o desafio de fazer da mídia um instrumento de evangelização (LIBÂNIO, 1999, p. 84). No entanto, sabemos que não podemos encarar os meios de comunicação apenas como instrumentos. Especialmente quando falamos de *internet* e mídias digitais, devemos enxergá-las como um

ambiente no qual o ser humano habita e através do qual nos relacionamos. Analisando o universo da informática, ele predisse ainda o papel crucial que a tecnologia digital teria no presente e como pequenos grupos criadores de tecnologia influenciariam uma multidão de consumidores. Libânio só não imaginou que as empresas do Vale do Silício, especialmente as de *social media* teriam impacto em escala global, com seríssimas questões éticas como relatados nos documentários distribuídos pela Netflix *O Dilema das Redes* (2020) e *Privacidade Hackeada* (2019).

Por isso, pensar a Igreja na era digital não é somente refletir sobre a forma de comunicação e presença eclesial na *internet*, mas como ela pode contribuir e fazer parte da sociedade em rede daqui para frente. Não se trata apenas de sua atuação no meio digital, mas de seu papel em todo o contexto humano (SILVA, 2018, p. 68-70).

A Igreja Católica também se molda de acordo com o pensamento de seu líder. A Igreja do tempo de Francisco tem as suas raízes no modelo de Igreja servidora, mas é também Igreja peregrina, Igreja em caminho missionário e casa com as portas sempre abertas para todos. Paulo Suess (2019, p. 112-113) observa que o modelo de "Igreja em Saída" do papa Francisco está substituindo o modelo da "Nova Evangelização" tão caro nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI. Na verdade, pode ser considerado uma evolução deste, pois, enquanto a "nova evangelização" enquadrava os batizados como destinatários da ação comunicativa da Igreja, no modelo da Igreja em saída, todo o batizado é sujeito, protagonista dessa ação evangelizadora.

Isso significa que todo o povo de Deus assume o papel de discípulo missionário, evangelizado e evangelizador, que necessita estar em estado permanente de missão, aprofundamento, vigilância e disposição para mudar de vida, o que o papa Francisco chama de conversão pastoral e missionária (EG 25). Suess (2019, p. 115) percebeu que Francisco edificou o paradigma da Igreja em saída através de sete verbos: "abrir, sair, caminhar, converter (transformar), priorizar, despojar, diversificar na unidade do Espírito Santo".

Ao contrário do sonho eclesial do papa Francisco, durante a pandemia, os cristãos foram obrigados a fechar as portas das igrejas e se refugiarem em casa. Embora solícito com os cuidados sugeridos pelas entidades de saúde, Francisco frisou que os católicos não devem se acostumar com uma fé individualista e virtual, ele exorta a não deixar o coronavírus roubar a esperança dos fiéis. Os apelos do papa contidos na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* nunca foram tão atuais: "Não deixemos que nos roubem nosso entusiasmo missionário (EG 80); [...] a alegria da evangelização (EG 83); [...] a esperança (EG 86); [...] a comunidade (EG 92); [...] o Evangelho (EG 97); [...] o ideal do amor fraterno (EG 101); [...] a força missionária (EG 109)". Agora não se luta apenas com forças contrárias e internas da Igreja, como um catolicismo de ordens velhos doente de autopreservação (EG 27), existe hoje um inimigo em comum que une toda a humanidade em um mesmo objetivo: a guerra contra o coronavírus. Outro inimigo invisível que precisa ser combatido é a desinformação que se camufla com diversos disfarces como *fake news* e teorias conspiratórias que polarizam a sociedade.

Na missa de 17 de abril de 2020, refletindo sobre a experiência das celebrações litúrgicas transmitidas pelas redes sociais e demais encontros de fé on-line durante o período de distanciamento físico e fechamento temporário dos templos, o papa Francisco alertou para o risco de uma fé imaginária, mas não real. Ele enfatiza a importância da fisicalidade dos sacramentos, da Eucaristia e da comunidade: Francisco (2020) adverte que a familiaridade cristã com o Senhor é sempre comunitária. É íntima, pessoal, mas em comunidade. Uma familiaridade sem comunidade, sem pão, sem Igreja, sem povo, sem sacramentos é considerada perigosa para a fé cristã porque pode se tornar uma familiaridade individualista. O papa acrescenta que o que os fiéis vivem atualmente não é a Igreja Católica padrão, mas é a Igreja em uma situação difícil, então, eventualmente, devemos sair do túnel, isto é, voltarmos a prática da fé comunitária através de encontros face a face, pois "nada substitui o ver pessoalmente" (FRANCISCO, 2021).

É possível constatar que a experiência de fé em meio a pandemia não é de uma vivência eclesial em sua plenitude, porém, as boas e criativas iniciativas que surgiram dos fiéis e líderes cristãos neste momento crítico não devem ser deixadas de lado depois de passada a pandemia, esquecidas como algo de que já não é mais necessário. A Igreja Católica não deveria retroceder em seu aperfeiçoamento comunicativo, deve seguir em frente, somando esforços para alcançar as pessoas, não só as que vão à igreja física, mas também as que estão fora do território paroquial, estendendo sua mão e palavras de esperança a todas e todos que necessitam.

O papa Francisco aponta outras metáforas eclesiais para o tempo presente. Ele observa que a Igreja deve ser sempre uma luz para o mundo, às vezes como um farol, às vezes como uma tocha (AL, n. 291). O farol representa a Igreja tradicional com estrutura fixa e luz visível que orienta, conduz e dá segurança às pessoas. Hoje não basta a luz do farol, a Igreja deve ser também uma tocha que acompanha mulheres e homens onde quer que estejam. As pessoas hoje esperam uma Igreja que caminhe com eles, oferecendo escuta ativa e testemunho como Jesus fez com os discípulos de Emaús. A Instrução "A conversão pastoral", publicada em 2020, pela Congregação para o Clero (n. 1-2), retoma o apelo de Francisco ao povo de Deus de que procure novas estradas para o anúncio criativo do Evangelho e salienta que a conversão pastoral se refere à retomada da postura missionariedade, uma Igreja que sai de si mesma e caminha com o povo, uma Igreja tocha.

O modelo da Igreja líquida baseia-se na caracterização de "modernidade líquida" de Zigmunt Bauman (2001). O grande diferencial da modernidade é a mudança da relação entre tempo e espaço: "A modernidade começa quando o espaço e o tempo são separáveis da prática da vida e entre si" (BAUMAN, 2001, p. 15). Com isso, há uma grande inversão nos condicionantes de poder. Antes o que era maior, mais estável, fixo e durável era o padrão a ser alcançado, na modernidade líquida tem mais poder quem é mais fluido, dinâmico, transitório e extraterritorial (BAUMAN, 2001, p. 22).

Em vista desse paradoxo da modernidade líquida, a expressão Igreja líquida poderia soar com conotação negativa, como fragmentária, volátil, fugaz, efêmera, como desintegração da Igreja institucional. No entanto, Antonio Spadaro (2012, p. 67-72) a vê como um modelo eclesial positivo para os nativos digitais. Para Spadaro, em uma sociedade líquida, o anúncio do Evangelho deve se tornar líquido, em forma de testemunho, para que se misture, porque comunicamos a mensagem não por transmissão, mas por compartilhamento (SILVA, 2015, p. 104).

Podemos pensar na Igreja como uma cidade, um centro conectivo de pessoas em relação, principalmente a imagem da cidade à noite torna a metáfora mais perceptível pelas luzes que emanam de todo lugar onde existem pessoas agindo e se relacionando. O teólogo Dwight Friesen (2009, p. 47) explica que a Igreja pode ser entendida como uma cidade que emite luz não como um fim em si mesma, mas porque é uma rede viva de relações entre as pessoas. Com isso, Friesen quer mostrar que simplesmente porque os cristãos vivem o Evangelho, eles naturalmente se tornam sinais luminosos para os outros durante a obscuridade do tempo presente.

O modelo de Igreja de Código Aberto (*Open Source Church*) traz a ideia de uma Igreja colaborativa e descentralizada como a Wikipedia, baseada no chamado de todo ser humano para ser cocriador e criativo. É inspirado no conceito de código aberto, que consiste na ideia de os desenvolvedores de *software* darem acesso livre ao código-fonte do dispositivo para que outros possam modificar, customizar e melhorar a criação inicial. Portanto, uma Igreja de código aberto seria uma Igreja em que as funções básicas da missão e do ministério estão abertas a quem se sintam chamados a fazê-lo, livre de tantas burocracias para a sua realização. (WHITSITT, 2011, p. 1-3).

Embora não sejam imagens perfeitas da essência da Igreja cristã, todas essas eclesiologias emergentes baseiam-se no testemunho pessoal de cada membro da comunidade. Por trás desses modelos, desenvolve-se uma lógica que valoriza a atividade leiga na sociedade como o fermento

que faz crescer a massa. A própria rede se torna uma grande metáfora para uma Igreja pública, uma Igreja que é a "casa de todos" (FRANCISCO 2014).

Em uma perspectiva semelhante, o teólogo protestante Friesen (2009, p. 55-56) desenvolve o conceito do Reino de Deus Conectado como um "nós aberto". Ele explica que o povo de Deus não é um grupo fechado de homens e mulheres santos, eleitos e separados da sociedade. Em vez disso, ser rede de pessoas significa ser bênção uns para os outros. À medida que cada ser humano ajuda a vida a prosperar, ele incorpora o "nós aberto" de Deus, isto é, a comunhão com Deus que não restringe, mas que alarga as fronteiras dos corações unidos ao coração de Deus para quem quiser entrar.

Então, é necessário pensar em uma Igreja 4.0 que integre ações on-line e off-line, híbrida, que busque a harmonia e complementação entre modelos de Igreja, como o farol unido ao cenário da cidade. Sendo assim, a paróquia física tradicional deve sintonizar-se com a comunidade digital, presente na casa de cada membro do corpo místico e conectado de Cristo, formando uma única identidade e missão da Igreja. A rede e a Igreja devem se encontrar, caminhar juntas, sem se fundir. Agora, é necessário elucidar a situação da Igreja especificamente em tempos de COVID-19.

3 A Igreja Católica em situação de pandemia

De um dia para o outro, as igrejas e religiões de todo o mundo precisaram se reinventar por causa das medidas de combate ao coronavírus. Assim, em um primeiro momento, ocorre o simples deslocamento das práticas tradicionais de fé do espaço territorial ao digital, adaptando-se às limitações e possibilidades que a rede oferece para a experiência religiosa e a convivência humana. Podemos citar como exemplo as inúmeras transmissões ao vivo que proliferaram nas mídias sociais, as celebrações eucarísticas e as formações sobre temas pertinentes à realidade atual. Numa segunda fase, começam a surgir iniciativas de *práxis* religiosas aproveitando os

recursos e características que o ambiente digital oferece, estas ainda poucas, mas cresce a cada dia a criatividade dos cristãos em se reunir e partilhar a fé no modo on-line.

Da mesma forma, a Igreja Católica foi impulsionada pela situação atual a uma "nova saída missionária" nas "estradas digitais" (FRANCISCO, 2014), para manter a chama do amor de Deus acesa nos corações neste momento em que as pessoas mais precisam de fé e esperança. Ao anunciar o Evangelho com inovação e criatividade, a Igreja costuma ter "acidentes" pelo caminho com iniciativas erradas que podem até se transformar em memes, mas ele prefere esta Igreja que se arrisca, sai de si mesma e caminha com seu povo onde quer que esteja, do que uma Igreja fechada e "doente de autorreferencialidade".

O momento de fechamento dos templos que muitos países viveram ou vivem é marcado por diversos paradoxos e possibilidades de interpretações no campo eclesial. Por um lado, existe um movimento de renovação da Igreja doméstica e revalorização da família como primeira célula da comunidade cristã, no qual os bispos de todo o mundo encorajam os leigos a redescobrir a mística doméstica vivida pelos primeiros cristãos que se reuniam nas casas. É também uma experiência de reavivamento da *abscondita ecclesia*, da experiência privada e oculta da fé, isto é, de rezar ao Pai em segredo na privacidade do nosso quarto (Mt 6, 6).

Por outro lado, com a situação da "Missa sem o povo" ou com a restrição dos fiéis nas celebrações, corre-se o risco de regressar a uma Igreja mais hierárquica e clerical. Em outra perspectiva ainda, as missas e outros tipos de transmissões on-line estão abertas a todas as pessoas que desejarem participar e fazer a sua comunhão espiritual com Deus, sendo estas católicas ou não. Essa experiência de comunidade digital mostra a face de uma Igreja pública, para todos e com todos.

Rudolf von Sinner e Elias Wolff (2020) analisaram em seu artigo os diferentes posicionamentos das Igrejas Católica e Luterana referentes a transmissão on-line da Eucaristia e Ceia do Senhor.

A Igreja Católica aderiu a transmissão da missa pelas mídias, enquanto a ICLB optou pelo jejum eucarístico e fomentou a partilha da Palavra. Para Sinner e Wolff, as celebrações transmitidas pela *internet* servem como consolo espiritual nestes tempos difíceis e contribuem para o sustento da fé e esperança das pessoas:

Como tal é o efeito para quem participa da comunhão real do corpo e sangue de Cristo no pão e no vinho consagrados, pode-se dizer que as missas ou cultos online configuram um horizonte sacramental num sentido amplo. Mesmo sem a comunhão sacramental propriamente dita, algo do efeito sacramental é produzido na pessoa fiel conectada online. Ela é inserida de algum modo no mistério celebrado — paixão, morte e ressurreição de Cristo —, sente-se pertencente ao seu corpo eclesial e fortalecida no testemunho do Evangelho no mundo. Poderíamos compreender isso como efeito sacramental *latu sensu* da Santa Ceia/Eucaristia online (SINNER; WOLFF, 2020, p. 642).

Embora reconheçam os benefícios das missas on-line, os teólogos apontam para a problemática da missa celebrada pelo padre sozinho, como ocorreu em muitas paróquias, que retoma uma eclesiologia pré-conciliar que concebe a eucaristia ação exclusiva do sacerdote, que celebra e oferta pelos fiéis.

Como outrora o "padre rezava a missa" — em latim, enquanto o povo podia fazer outras orações, [...] — agora o povo continua "seguidor" do que "o padre faz" pelo Facebook da paróquia, acompanha o que o presidente da celebração faz, mas efetivamente não celebra (SINNER; WOLFF, 2020, p. 643).

A possibilidade de os sacerdotes realizarem a missa sem o povo, já prevista no Código de Direito Canônico (n. 902), demonstra uma dinâmica desigual e significativa entre batizados e ordenados que enfraquece a eclesiologia Povo de Deus. "[...] espera-se que ao passar a pandemia a Igreja Católica recupere a teologia conciliar da liturgia eucarística no horizonte da eclesiologia povo de Deus" (SINNER; WOLFF, 2020, p. 643). Pelas reflexões dos autores, pode-se concluir que as missas transmitidas auxiliam no cultivo da fé em tempos emergenciais pandêmicos, contudo, o sacerdote deveria dar preferência a celebrar com um número reduzido de fiéis ao

invés de sozinho.

Em relação à participação das pessoas nas celebrações veiculadas pela internet ou outros meios de comunicação, portanto, deve-se ter o cuidado de não banalizar as celebrações, como se estivessem assistindo a um filme enquanto tomam café. Mesmo mediada pelo digital, é imprescindível preservar a sacralidade dos ritos, o ser inteiro do fiel deve estar em sintonia com o que ele busca celebrar. Para isso, se percebe a necessidade do preparo e programação do fiel, separando um tempo para se encontrar com a assembleia para celebrar e viver a comunhão espiritual. Podemos citar como exemplo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB, 2020) que desenvolveu diretrizes litúrgicas para as celebrações familiares a fim de ajudar os católicos a manter a mistagogia da espiritualidade cristã nesta situação. Claro que a experiência cristã no ambiente digital é ainda um fenômeno a ser vivido e analisado, difícil de normatizar com nossas concepções de espaço físico do templo tradicional. Precisamos entender que há semelhanças com o catolicismo tradicional, mas é uma vivência nova e distinta da fé, especialmente no que se refere a nossa experiência espaço-temporal. Sobre a maior participação dos fiéis que acompanham a celebração on-line de suas casas, Sinner e Wolff sugerem tanto para o rito católico quanto para o luterano:

O que precisa ser expresso é a realidade da comunhão que a Santa Ceia/Eucaristia propicia, com Deus, com a comunidade e com toda criação. Como as pessoas estão impossibilitadas de comungarem do pão e do vinho ou suco de uva utilizado na celebração presencial, poder-se-ia encorajá-las a consumirem pão e vinho ou suco em casa, acompanhando a celebração transmitida pela TV ou internet. Ao partilhar pão e vinho/suco também nas casas, a comunhão se tornaria mais palpável. Assim, as pessoas se sentiriam mais ativas, participantes e inseridas na comunidade mais ampla da igreja, ainda que distantes fisicamente, e mais comprometidas na missão. Essa modalidade seria uma possibilidade para ambas as igrejas, desde que não configure celebrações paralelas e autônomas (SINNER; WOLFF, 2020, p. 649).

Alguns relatos de fiéis, em pesquisa qualitativa realizada no início da pandemia no Brasil,

ratificam a proposição de que tornar o ambiente onde acompanham a missa on-line mais litúrgico, através de gestos e elementos simbólicos, propicia uma participação mais sensível da comunhão espiritual. "Como eu gosto muito de liturgia, tentei proporcionar isso para a família. O silêncio litúrgico na missa, o beijo da Santa Cruz, eu fiz exatamente como o padre estava fazendo, só que em casa. Estar nesse ambiente ajuda" (SILVA, 2021, p. 146), disse um dos participantes, descrevendo sua vivência da Páscoa de 2020.

Vários dos jovens pesquisados relataram que a experiência da missa on-line foi como se estivessem realmente na celebração. "É uma sensação totalmente diferente você vivenciar a Igreja dentro de casa. Por você querer estar em outro ambiente, você está trazendo-o para dentro do ambiente que você está" (SILVA, 2021, p. 188), compartilhou uma das entrevistadas da pesquisa. Tiveram experiências de videoconferências das missas através de plataformas como o Zoom que possibilitaram uma maior participação dos fiéis, mesmo de suas casas, como contou outro participante da pesquisa:

É uma experiência bem diferente o fato de "ver a missa", participar de um grande zoom. Eu vi missas transmitidas muito robotizadas, uma mesma pessoa lia duas ou três leituras. Ver o pessoal [...] participando, ver um monte de rostinhos, é bem melhor. Cada experiência nova que a gente vive é um aprendizado novo. É o ideal? Obviamente não é o ideal, mas num esforço, dá para fazer. [...] tem gente que está com saudade de estar na igreja, participar. É reconfortante saber que, se estou numa situação que não posso estar na missa, vou poder ao menos ver a missa, não vou estar lá comungando, mas posso ouvir a homilia do padre e acompanhar o rito. [...] mesmo que seja à distância, por uma tela, saber que aquele mistério está acontecendo ali ao vivo (SILVA, 2021, p. 145).

A missa transmitida pelas redes conserva certa corporeidade, pois o sacramento é celebrado fisicamente pelos sacerdotes individualmente ou com o auxílio de alguns paroquianos no templo, o pão é partido e o vinho consagrado com toda a sua materialidade. Os fiéis acompanham fisicamente de suas casas, muitos colocam-se como se estivessem na Igreja: ajoelham-se, sentam-se, levantam-se, ouvem, observam, rezam com o

corpo e a alma. No momento de medidas mais restritivas, os católicos não puderam receber materialmente a Eucaristia, mas suas bocas salivaram ao ver, pela mídia, o sacerdote comungar e, no íntimo desejo do coração, comungaram em espírito e em verdade.

Essa experiência de fé em meio à pandemia recorda-nos do famoso poema de Pierre Teilhard de Chardin "Missa sobre o Mundo", inspirado por uma dificuldade real que Teilhard enfrentou durante suas expedições como paleontólogo na Ásia. Em diversos momentos, não teve nem pão e nem vinho para celebrar, mesmo assim nunca deixou de render graças a Deus onde quer que estivesse e nas circunstâncias em que se encontrasse, vivendo na prática uma eclesiologia cósmica:

Visto que, uma vez mais, Senhor – não mais nas florestas de Aisne, mas nas estepes da Ásia, não tenho pão, nem vinho, nem altar, eu me elevarei acima dos símbolos até a pura majestade do Real, e vos oferecerei, eu, vosso sacerdote, sobre o altar da Terra inteira, o trabalho e o sofrimento do mundo (TEILHARD DE CHARDIN, 1961, p. 21).

Teilhard de Chardin mostra que a dificuldade não deve paralisar, mas se pode aprofundar a espiritualidade e sentido da vida cristã em diversas circunstâncias adversas. Nessa perspectiva, Matthew Tan escreve que se levamos a sério a presença real de Cristo e a sua mediação no vasto universo e em toda a realidade humana, ainda que a distância incomode e restrinja, não é capaz de destruir o corpo de Cristo (TAN, 2020, p. 63-64). Assim, a celebração mediada pelo ambiente digital, que muitas vezes é consumida como uma simulação ou um programa de TV, pode se transformar em verdadeira "missa sobre o mundo", isto é, em verdadeira Eucaristia, ação de graças universal, aprofundando o significado da catolicidade da Igreja.

Seguindo a experiência de Teilhard, o papa Francisco (2014) expressou em várias ocasiões o desejo de uma eclesiologia do lar global, "casa de todos". Quando Francisco chama o planeta de "nossa casa comum" (EG, n. 183), ele não apenas demonstra a universalidade da Igreja, mas a necessidade de uma eclesiologia cósmica. A experiência de uma Igreja em rede expressa o

mesmo objetivo de Francisco e Teilhard, que é conectar todos a Jesus para alcançar a humanização plena e a cristificação do universo, momento em que Cristo será tudo em todos.

Considerações finais

Para se pensar na construção de eclesiologias digitais, observamos três pontos: modelos eclesiais tradicionais, novas metáforas eclesiais e a Igreja em tempos de digitalização e pandemia. Questões relevantes para o presente e futuro do Cristianismo surgem da reflexão sobre esta nova experiência de Igreja e sociedade. Estes modelos eclesiais digitais apresentados já existiam antes da pandemia, pois surgiram em decorrência das novas oportunidades que a comunicação on-line trouxe para o compartilhamento da fé, dando ênfase ao papel da leiga e do leigo cujo testemunho de vida é fermento para suscitar a fé de novas cristãs e cristãos.

O que acontece devido às medidas preventivas de contágio da COVID-19 é um novo despertar da evangelização na rede, mais acelerado, vigoroso e emergencial. Se as pessoas não podem ir mais no templo realizar suas práticas de fé, a Igreja peregrina vai ao encontro das pessoas onde elas estiverem. Como Ralf Peter Reimann (CAMPBELL, 2020, p. 31) relatou, uma das consequências da pandemia para o Cristianismo é que as igrejas cresceram digitalmente e aprenderam que a comunidade e a comunhão são mais importantes do que os prédios físicos.

O processo de conversão pastoral, que a Igreja Católica exorta seus fiéis e pastores a realizarem, requer uma revisão da vida pessoal e social, especialmente da nossa experiência de fé e das consequentes obras que realizamos. O Papa Francisco pede criatividade aos cristãos para buscarem novas estradas para comunicar o Evangelho, convidando "[...] às comunidades paroquiais a sair de si mesmas, oferecendo instrumentos para uma reforma, também estrutural, orientada a um estilo de comunhão e de colaboração, de encontro e de proximidade, de misericórdia e de solicitude para o anúncio do Evangelho" (CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2020, n. 2).

Neste tempo de pandemia é importante notar como o vínculo paroquial e comunitário não se quebrou totalmente mesmo no período em que as igrejas precisaram ser fechadas. Uma evidência disso é que as pessoas procuraram participar das cerimônias litúrgicas on-line de suas próprias paróquias de origem, ainda que fossem transmitidas pelas mídias sociais de forma precária, do que acompanhar pela TV ou rádio de uma emissora católica.

Ficar em casa pode trazer oportunidades de reconexão com a família e conosco mesmos por meio do silêncio, da introspecção e da partilha. Muitas pessoas aproveitaram este momento para o desenvolvimento pessoal e se recordaram de suas raízes, essência e identidade, traçaram objetivos e focaram em quem realmente importa.

Isso vale também para o campo eclesial. O processo de mudança de mentalidade que chamamos de metanoia digital deve mudar a maneira como pensamos sobre a eclesiologia. Como uma forma de conversão pastoral digital, os fiéis devem passar da mentalidade de manutenção para a mentalidade de avivamento. Significa construir uma mentalidade de inovação, não enxergando as circunstâncias atuais como barreiras que nos deixam estagnados, mas ampliando o horizonte com os desafios que a realidade nos apresenta. Nessa nova perspectiva, vemos as dificuldades como oportunidades de crescimento, fortalecimento e amadurecimento.

Nestes tempos de emergência da participação digital nas celebrações eucarísticas, somos obrigados a repensar a fisicalidade das ações litúrgicas e sacramentais. Isso não significa que a comunhão espiritual por meio digital substitua a comunhão física em pessoa. No entanto, nos faz pensar no sentido das palavras de Jesus à samaritana de que não será neste monte nem em Jerusalém que eles adorarão o Pai, mas em Espírito e em Verdade (Jo 4, 21b-23). O que essa passagem bíblica revela é que o principal templo no qual devemos adorar a Deus é o nosso próprio corpo. Não sozinho, mas como parte do Corpo Conectado de Cristo. Existem várias formas de orar ao Pai em casa, pela internet, conectados ao

Povo de Deus, pois a graça de Deus ultrapassa o limite espaço-temporal.

Os cristãos estão aprendendo o que significa e como ser uma Igreja digital. Os membros do povo de Deus, especialmente os sacerdotes, em meio à pandemia receberam a missão urgente da alfabetização digital, ou seja, esforçar-se por aprender as ferramentas digitais para o serviço pastoral e desenvolver uma reflexão consistente sobre as novas tecnologias. Todos nós estamos neste grande laboratório global de pesquisa humana em meio a pandemia e os cristãos são chamados à missão de praticar a ciberteologia, de pensar na fé cristã neste período histórico em que a comunicação digital passa a ser a forma primordial de comunicação e relacionamento humanos.

A Igreja digital não é uma experiência de espiritualidade individual, ao menos não deveria ser. As celebrações on-line não são compostas por "fiéis" isolados sem uma comunidade. Na missa on-line, os fiéis estão presentes digitalmente, uma presença real com distanciamento físico, vivendo uma experiência com Deus que também é real. Embora seja diferente da habitual presença geográfica, ainda é um tipo de presença, comunhão espiritual e experiência comunitária. Fazendo a pesquisa prática da tese em meio a pandemia, recebemos diversos relatos de pessoas que ao participar da missa on-line de sua comunidade ou movimento, alegraram-se em ver os rostos e ouvir as vozes das pessoas pertencentes à paróquia. Ainda que digitalmente, sentiram-se próximas umas das outras. Isso demonstra que a Igreja é assembleia de fiéis, que a fé deve ser sempre vivida em comunidade, que a fé cristã não é uma experiência individual, não pode ser consumida como produto cultural, algo que se usa e se joga fora como acontece na cultura do descartável que o papa Francisco denuncia.

Se olharmos para a etimologia da palavra Igreja no Antigo e no Novo Testamento, vemos que esse termo sempre carrega a noção de lugar e comunidade de pessoas (HACKMANN, 2003, p. 26-27). A ideia de igreja como lugar traz algumas dificuldades para a compreensão da Igreja digital por estar atrelada à noção de lugar territorial,

enquanto o ambiente digital traz a ideia de um espaço desterritorializado.

A Igreja em pandemia e depois no pós-pandemia pode ver a cultura digital como uma aliada no cultivo da fé diária das pessoas e no fortalecimento da espiritualidade pessoal e familiar. Desde agora, é necessário iniciar o processo de hibridização da Igreja, isto é, de integrar a comunidade eclesial geográfica com a digital. Utilizando uma expressão de Luciano Floridi (2015), se poderia chamar o modelo eclesial híbrido de Igreja "Onlife", lugar em que ambiente físico e digital se encontram, convergem e não se separam. Quando não é possível ir geograficamente à igreja por razões normais como trabalho, estudo, saúde, cuidado da família, seria revigorante para o ser humano contemporâneo ter a possibilidade de meditar a Palavra ou fazer a oração pessoal onde quer que estivesse, através do conteúdo digital que sua comunidade de fé compartilhou nas redes, acessar sua Igreja digital. No modelo "onlife", a Igreja retoma os princípios eclesiológico-conciliares da Igreja como serve, a serviço de toda a humanidade. Não está centrada em si mesma ou preocupada com sua preservação, mas em saída, disposta a encontrar as pessoas onde estão e como são.

Referências

- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. v.1.
- CAMPBELL, Heidi A; OSTEEEN, Sophia. *Research Summaries and Lessons on Doing Religion and Church Online* (Working Paper). Texas: Texas A&M University, 2020. Disponível em: <https://oaktrust.library.tamu.edu/bitstream/handle/1969.1/187806/White%20Paper-Religion%20Online%20Research-FINAL-March%202020.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 2 abr. 2020.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Celebrar em família o Dia do Senhor*, 2020. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/sites/32/2020/03/Celebrar-o-Dia-do-Senhor-em-Fam%C3%ADlia-5DQ.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes: Sobre a Igreja no Mundo Actual*. Roma, 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_en.html. Acesso em: 30 nov. 2020.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Communio et Progressio: sobre os meios de comunicação social*. Roma, 1971. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html. Acesso em: 4 fev. 2021.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Instrução: A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2020.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Decreto em tempos de COVID*. Roma: 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20200325_decreto-intempodico-vid_po.html. Acesso em: 9 jul. 2020.
- DULLES, Avery. *A Igreja e seus modelos*. São Paulo: Paulinas, 1978.
- FLORIDI, Luciano. *The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era*. London: Springer International Publishing, 2015. *E-book*.
- FRANCISCO. *Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro*. Roma, 2014. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 2 abr. 2020.
- FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 55º Dia Mundial das Comunicações Sociais: "Vem e verás" (Jo 1, 39). Comunicar encontrando as pessoas onde estão e como são*. Roma, 2021. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20210123_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 17 maio 2021.
- FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco aos participantes na Plenária do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização*. Roma, 2015. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/may/documents/papa-francesco_20150529_nuova-evangelizzazione.pdf. Acesso em: 3 nov. 2017.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Roma, 2013. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 16 nov. 2017.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Amoris Laetitia*. Roma, 2016. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319-amoris-laetitia.html. Acesso em: 16 nov. 2017.

FRANCISCO. *Homília do Papa Francisco "Familiaridade com o Senhor"*. Roma, 17 abr. 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2020/documents/papa-francesco-cotidie_20200417_lafamiliarita-conil-signore.html. Acesso em: 25 jun. 2020.

FRIESEN, Dwight. *Thy kingdom connected. What the church can learn from Facebook, the Internet and the other networks*. Grand Rapids (MI): Baker Books, 2009.

HACKMANN, Geraldo. *A amada Igreja de Jesus Cristo. Manual de Eclesiologia como comunhão orgânica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

LAKELAND, Paul. *Igreja. Comunhão Viva*. São Paulo: Paulus, 2014.

LIBÂNIO, João Batista. *Cenários da Igreja*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MOLTMANN, Jürgen. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.

O DILEMA das Redes. Direção: Jeff Orlowski. EUA: Netflix, 2020. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81254224>. Acesso em: 30 nov. 2010.

PHILIPS, Peter *et al.* Defining Digital Theology: Digital Humanities, Digital Religion and the Particular Work of the CODEC Research Centre and Network. *Open Theology*, [S. l.], v. 5, p. 29-43, 2019.

PRIVACIDADE Hackeada. Direção: Karim Amer e Jehane Noujaim. EUA: Netflix, 2019. Disponível em: <https://www.netflix.com/br-en/title/80117542>. Acesso em: 17 maio 2021.

REIMANN, Ralf Peter. Digital is the New Normal – Churches in Germany during the Corona Pandemic. In: CAMPBELL, Heidi A. *The Distanced Church: Reflections on Doing Church Online*. College Station, Texas: Digital Religion Publications, 2020. p. 31-33. Disponível em: <https://oaktrust.library.tamu.edu/handle/1969.1/187891>. Acesso em: 17 maio 2021.

SILVA, Aline Amaro da. *Amigas e amigos no Amigo: uma cristologia comunicativa da amizade em tempos digitais e de pandemia*. Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes. 2015. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdade de Teologia, PUCRS, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9743>. Acesso em: 30 set. 2021.

SILVA, Aline Amaro da. *Cibergraça: fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede*. Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes. 2015. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, PUCRS, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/5993/2/468444%20-%20Texto%20Completo.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2020.

SILVA, Aline Amaro da *et al.* *Escolhendo Jesus: Jovens cristãos para uma nova sociedade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SILVA, Aline Amaro da. The Diverse Ways of Being Church in the Digital Society and in Times of Pandemic. In: CAMPBELL, Heidi A. (ed.). *Digital Ecclesiology: A Global Conversation*. College Station, Texas: Digital Religion Publications, 2020. p. 7-14. Disponível em: <https://oaktrust.library.tamu.edu/handle/1969.1/188698>. Acesso em: 30 nov. 2020.

SINNER, Rudolf von. WOLFF, Elias. Santa Ceia/Eucaristia em Tempos de Covid-19: Perspectivas Católicas e Luteranas – Um diálogo. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 52, n. 3, p. 633-659, set./dez. 2020.

SPADARO, A. *Ciberteologia: Pensar a fé cristã nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.

SUESS, Paulo. Igreja em saída: compromissos e contradições na proposta missionária do Papa Francisco. In: BRIGHENTI, Agenor (org.). *Os ventos sopram do sul: o Papa Francisco e a nova conjuntura eclesial*. São Paulo: Paulinas, 2019.

TAN, Matthew John Paul. Online Church, Common Good, and Sacramental Praxis. In: CAMPBELL, Heidi A. (ed.). *Digital Ecclesiology: A Global Conversation*. College Station, Texas: Digital Religion Publications, 2020. p. 58-64. Disponível em: <https://oaktrust.library.tamu.edu/handle/1969.1/188698>. Acesso em: 30 nov. 2020.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Himne de l'Univers*. Paris: Éditions du Seuil, 1961.

WHITSITT, Landon. *Open Source Church: Making Room for the Wisdom of All*. Herndon, Virginia: Alban, 2011.

ZANON, Darlei. *Igreja e sociedade em rede: Impactos para uma cibereclesiologia*. São Paulo, SP: Paulus, 2019.

Aline Amaro da Silva

Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), em Belo Horizonte, MG, Brasil.

Endereço para correspondência

Aline Amaro da Silva

Rua Camaquã, 133, apto. 201

Camaquã, 91910630

Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.